

Slow cities (Cittaslow): Os espaços urbanos do movimento ***slow***

PEDRO FILIPE FERREIRA * [namadine@hotmail.com]

CLÁUDIA SEABRA ** [cseabra@estv.ipv.pt]

ODETE PAIVA *** [odetepaiva@estv.ipv.pt]

Palavras-Chave | Movimento *slow*, *Slow food*, *Slow tourism*, *Slow travel*, *Slow city (Cittaslow)*.

Objetivos | O *boom* turístico pós-segunda Guerra Mundial marcou um ponto determinante para o turismo da era contemporânea, tornando-o num produto acessível à maioria da população, e não apenas para as classes mais elevadas. Contudo, no final do século XX, o turismo mundial era dominado por um tipo de turismo massificado. O turismo refletia o estilo de vida das sociedades ocidentais desenvolvidas, onde o ritmo acelerado dominava e onde a quantidade era valorizada em detrimento da qualidade (Timms & Conway, 2012).

O uso do avião para as deslocações turísticas tornou-se padronizado e excessivo, sendo atualmente, o meio de transporte que mais contribui para as emissões de dióxido de carbono (Hall, 2009). Segundo Simpson (2008), a indústria mundial do turismo contribui entre 5% e 14% para as emissões de gases de efeito de estufa.

O mundo precisava abrandar, e é então que, em 1986, surge o movimento *slow*, que tenta contrariar toda esta instabilidade, lutando pela sustentabilidade socioeconómica das pequenas localidades, pela identidade cultural e pelo respeito pela natureza (Pietrykowski, 2004).

O movimento *slow tourism* é um segmento de mercado emergente e em clara expansão (Lumsdon & McGrath, 2011; Mintel International Group Ltd, 2009), sendo este tipo de turismo uma alternativa credível aos atuais produtos turísticos de sol e praia e turismo cultural (Lumsdon & McGrath, 2011). Em 2007, na *World Travel Market* em Londres, foi previsto que o *slow tourism* iria crescer a uma média de 10% ao ano na Europa ocidental.

O objetivo deste estudo é a análise do movimento *slow*, de todas as orientações e variáveis que espelham as suas ideologias, evidenciando o que, para Mayer e Knox (2006), são as duas maiores alternativas *slow* estabelecidas na sociedade, os movimentos *slow food* e *slow cities*, também denominado *cittaslow*.

Metodologia | A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se na revisão da literatura e na consequentemente discussão acerca do tema abordado – movimento *slow* – analisando mais especificamente o movimento *slow food* e o movimento *slow cities*.

* **Mestrando em Gestão Turística** na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viseu.

** **Doutora em Turismo** pela Universidade de Aveiro. **Professora Adjunta** na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viseu.

*** **Doutoranda em Turismo, Lazer em Cultura** na Universidade de Coimbra. **Equiparada a Assistente** na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viseu.

Principais resultados e contributos | O movimento *slow* tem crescido fortemente neste início do século XXI, contrariando a disseminação de fenómenos presentes nas últimas décadas nas sociedades ocidentais, como é o caso do *fast food* e *fast travel*, que encoraja o consumo, o crescimento descontrolado e incentiva viagens frequentes (Honoré, 2004). O *slow tourism* tenta suprimir um tipo de turismo massificado e descontrolado. Algumas cidades tentam agora oferecer aos visitantes produtos turísticos diferenciadores e com uma imagem sustentável e verde, tentando conquistar novos mercados, quebrando barreiras e crescendo como destinos turísticos ecológicos. Matos (2004) refere o *slow tourism* como um produto potencial de desenvolvimento, como forma de combater a enorme pressão verificada na Europa, a qual tem provocado problemas a nível ambiental e sociocultural.

Segundo Davis, Knox e Mayer (2005), o movimento *slow cities* (*cittaslow*) é um modelo de economia urbana e uma forma de desenvolvimento urbano sustentável através de programas que visam a proteção ambiental, o desenvolvimento económico e a igualdade social. Dietz (2006), Mayer e Knox (2006) e Pink (2008) referem uma relação clara entre o *cittaslow* e o desenvolvimento urbano sustentável.

Este trabalho pode contribuir teoricamente para um aumento do conhecimento conceptual do movimento das *slow cities* (*cittaslow*), compreendendo a importância do movimento para um desenvolvimento sustentado nas sociedades e, em termos práticos, incentivar a criação de projetos de proteção ambiental, económicos, sociais e culturais (Timms & Conway, 2012).

Limitações | Neste estudo as limitações encontradas são essencialmente ao nível de recursos para uma análise mais completa da revisão de literatura, e, assim, enriquecer o estudo acerca do movimento *slow cities* no nosso país. Facto compreensível, dado que o movimento *slow cities* é bastante recente, ainda em estado embrionário e pouco divulgado em Portugal.

Conclusões | A sociedade contemporânea vive uma fase crítica, a pressão e a massificação de tudo o que a rodeia é extrema, coabitamos com uma total padronização de produtos e serviços. A forma como vivemos em comunidade é cada vez mais individualizada, as sociedades exploram descontroladamente os recursos até ao limite da sustentabilidade local e regional, perdem-se os ideais, a identidade e a pluralidade cultural (Nilsson, Svärd, Widarsson & Wirell, 2010).

Com este estudo tenta-se compreender os movimentos que se insurgiram desde a década de 1980 contra esta uniformização dos modelos sociais, movimentos esses que tentam contrariar esta forma de vida *fast* que abstrai dos seres humanos a qualidade dos momentos diariamente vividos no nosso planeta, tentando que os impactos sociais, culturais e ambientais nas comunidades locais sejam reduzidos, tornando-se assim sustentáveis (Conway & Timms, 2003; Renard, 2001).

O movimento *slow* surge como a normalização, o processo de equilíbrio para que as sociedades modernas voltem a adquirir valores e ideais de sustentabilidade, sendo que o movimento *slow food* e os seus princípios estão na base fundadora de todos os movimentos que surgiram posteriormente (Mayer & Knox, 2006). É importante compreender a relação entre o movimento *slow* e os novos conceitos de turismo *slow*, da forma massificada de fazer turismo estamos a partir para uma nova conceção turística, tanto na forma como o praticamos tal como na forma como percebemos tudo o que nos rodeia. O turismo sustentável deixou de ser um nicho de mercado e começa a amplificar o seu raio de ação. A rede de *slow cities* (*cittaslow*) é o exemplo claro desse processo, presente em 27 países, expondo a forma como a ideologia *slow* tem vindo a prosperar, transportando os ideais de sustentabilidade também para contextos urbanos. Percebe-se então, que o conceito *slow* é relevante para a valorização turística das cidades, com colossais competências para um desenvolvimento sustentável em termos económicos, ambientais e de igualdade social (Davis, Knox & Mayer, 2005; Mayer & Knox 2006). Este conceito revela-se assim, uma aposta clara e inteligente para o Turismo de Portugal, devido ao seu atual crescimento, elevada procura e benefícios socioeconómicos, culturais e ambientais oferecidos às regiões (Pink, 2009).

Finalmente, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento da literatura e do estudo do tema abordado, contextualizando o caso português.

Referências |

- Conway, D. T., & Timms, R. (2003). Where is the environment in Caribbean development thinking and praxis? *Global Development Studies*, 3(1-2), 91-130.
- Davis, A. K., Knox, P., & Meyer, H. (2005). Urban vitality through the Cittaslow charter movement. *Book of Abstracts of the International Conference for Integrating Urban Knowledge & Practice* (pp. 94-95). Gothenburg, Sweden.
- Dietz, A. (2006). *Cittaslow - das gute Leben: Kulturelles Erbe, Nachhaltigkeit und Lebensqualität in Kleinstädten*. Magisterarbeit, Universität Tübingen.

- Hall, C. M. (2009). Degrowing tourism: Décroissance, sustainable consumption and steady-state tourism. *Anatolia: An International of Tourism and Hospitality Research*, 20(1), 46-61.
- Honoré, C. (2004). *In praise of slowness: How a worldwide movement is challenging the cult of speed*. São Francisco: Harper San Francisco.
- Lumsdon, L., & McGrath, P. (2011). Developing a conceptual framework for slow travel: A grounded theory approach. *Journal of Sustainable Tourism*, 19(3), 265-279.
- Matos, R. (2004). Can slow tourism bring new life to alpine regions. In K. Weiermair, & C. Mathies (Eds.), *The tourism and leisure industry: Shaping the future* (pp. 93-103). New York: The Haworth Hospitality Press.
- Mayer, H., & Knox, P. (2006). Slow cities: Sustainable places in a fast world. *Journal of Urban Affairs*, 28(4), 321-334.
- Mintel International Group Ltd (2009). *Slow travel special report*. London: Mintel International Group Ltd.
- Nilsson, J., Svärd, A., Widarsson, A., & Wirell, T. (2010). "Cittáslow" eco-gastronomic heritage as a tool for destination development. *Current Issues in Tourism*, 14(4), 373-386.
- Pietrykowski, B. (2004). You are what you eat: The social economy of the slow food movement. *The Journal of the Association for Social Economics*, 62(3), 307-321.
- Pink, S. (2008). Sense and sustainability: The case of the slow city movement. *Local Environment*, 13(2), 95-106.
- Pink, S. (2009). Urban social movements and small places. *City: Analysis of Urban Trends, Culture, Theory, Policy, Action*, 13(4), 451-465.
- Renard, Y. (2001). *Practical strategies for pro-poor tourism: A case study of the St. Lucia heritage tourism* (pp. 1-28). London: Overseas Development Institute.
- Simpson, M. G. (2008). *Climate change adaptation and mitigation in the tourism sector: Frameworks, tools and practices*. Paris: Oxford University Press.
- Timms, B. F., & Conway, D. (2012). Slow tourism at the Caribbean's geographical margins. *Tourism Geographies*, 14(3), 396-418.